

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

ineficácia e uma última maneira de jogar em dois tabuleiros — visto que o consegue pela própria coordenação dos gestos e dos papéis. Mas se o homem é originalmente contra-dição (ao mesmo tempo transcendência e facticidade, sujeito para ele próprio e objecto para os outros) e se a divisão da sociedade contra si mesma vem redobrar a sua disjunção, como poderia ela escapar à necessidade de estar ainda — no próprio tempo em que procura superar a contradição — simultaneamente na sua tentativa para a fazer progredir e fora, para a julgar, simultaneamente espontaneamente actuante e reflexão sobre o sentido dos seus actos? O Teatro, contestando a Realidade e contestando-se a si, em nome da Realidade, não será uma das melhores formas de provocar a sociedade a infligir-se, ela própria, a sua própria contestação? «Pela literatura... a colectividade passa à reflexão e à mediação, adquire uma consciência infeliz, uma imagem, sem equilíbrio, dela própria, que procura sem cessar modificar e melhorar.»

Sentindo-se ameaçado por este exercício público da negatividade, no próprio seio de uma Sociedade que ele desejaria toda cheia de si mesma, e perfeitamente fechada sobre si, «o Justo ideal não lê; toda a literatura lhe é suspeita.» É que a literatura, em graus diversos, é sempre comprometedora. Ler é comprometer-se no universo do autor; não se pode já apreender o sentido das suas frases, sem refazer, por conta própria, as operações segundo as quais ele as produziu — forma e sentido indissolúvelmente. Assim se é forçado a aderir às suas perspectivas, antes mesmo de saber se se aprovam ou não. «É necessário afirmar, se queremos compreender, e dar-mo-nos, se queremos sentir.» Que dizer então de uma literatura que se queira comprometedora? Que dizer do teatro — e de um teatro que se pretenda teatro de compromisso?

Sob este ponto de vista, o imenso interesse do teatro é que ele leva ao seu máximo essa tensão — essencial a toda a forma de literatura — entre o apelo à liberdade e o recurso aos efeitos mais propícios a fasciná-la. Porque o autor deve bem esperar do espectador que ele confie no drama e não deixe de restituir-lhe a sua verdade própria, para além do papelão do cenário, a absurda mecânica do pano, os aplausos, as chamadas, os entreactos, para lá mesmo do físico ou idade dos actores e dessa espécie de segunda personalidade que frequentemente eles adquirem no palco no decurso dos seus papéis anteriores. Mas ao mesmo tempo ele sabe que a sua peça só triunfa se conseguir atingir suficientemente a imaginação

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

desse mesmo espectador, impressioná-lo, abalá-lo, surpreendê-lo, violentá-lo.

Mais que qualquer outro género literário, o teatro recorre à mentira: não só é necessário escrever «carregado» (porque as réplicas passam depressa e o espectador não pode voltar a elas para as entender melhor) mas é necessário apresentar atitudes... teatrais. O teatro é primordialmente encenação, «exibição». Sobre as tábuas, sobre o palco, toda a palavra, todo o gesto, devem admitir um certo empolamento, tornar-se um pouco «monstruosos»: a linguagem tornar-se-á eloquência, os sentimentos são aí declamatórios, as personagens e as situações mudam-se aí em mitos. É o domínio do mágico, do prestigioso, do grandioso. E quando Goetz aprende finalmente a superar para a modéstia a sua vergonha e orgulho, essa mesma modéstia está como que enfeitada: apanhada no círculo mágico do teatral, ela torna-se uma modéstia heróica, o heroísmo da Modéstia.

Ora nós vimos o teatro sartriano — com *Les Mains Sâles* e depois com *Le Diable et le Bon Dieu* — vir dar a uma denúncia do teatral (procura do heroísmo, paixão do absoluto, grandes atitudes e gestos definitivos), para culminar, sob este aspecto, no Mito do Comediante. Vimos que a Personagem por excelência deste teatro é o Bastardo: aquele que, posto em falso no mundo humano, se encontra por isso em situação de lucidez, em referência às contradições da consciência e das comédias que ela se dá. E vimos que o Intelectual é um bastardo. É no «mundo marginal dos intelectuais» que, tendo conquistado o seu lugar no seio da sociedade dos Justos, Genet escolhe as suas novas relações. Em contrapartida — frisa logo Sartre — quase não tem simpatia pelos escritores e artistas, «semipalhaços, semifiteiceiros», por esses «bruxos», esses «desclassificados», «não suficientemente honestos para que os respeite, nem suficientemente vadios para que os amem» e que «lhe recordam de muito perto a sua história.» Muito bem: mas a distância entre o intelectual e o escritor pode não aparecer sempre à primeira vista, e é o caso do próprio Sartre... Quero eu dizer que ele consegue com bastante felicidade, nas suas relações com os outros, não fazer de escritor. Resta que ele é um deles e que podemos ter a certeza, como ele, de que se ele caracteriza os escritores, como acabamos de ver, não é ao modo como o fariseu mostra o pecado fora de si: nos traços que lhes atribui, deve bem reconhecer ao menos qualquer aspecto de si próprio.